

JUREMA DE ANDRADE BRESSAN

# TENHO UM ALUNO COM LAUDO, E AGORA?

Compreender para incluir: estratégias e práticas  
educacionais para a inclusão

Jurema de Andrade Bressan

# TENHO UM ALUNO COM LAUDO, E AGORA?

Compreender para incluir: estratégias e práticas  
educacionais para a inclusão



Capivari de Baixo – 2025

**Editora:** Univinte – 2024.

**Título:** Tenho um aluno com laudo, e agora? Compreender para incluir: estratégias e práticas educacionais para a inclusão.

**Autoras:** Jurema de Andrade Bressan.

**Capa:** Andreza dos Santos.

**Editoração:** Andreza dos Santos.

**Revisão:** Jamile Ladislau

<b>CONSELHO EDITORAL</b>	
<b>Exedito Michels - Presidente</b>	
<b>Cleusa Machado Claudino – Vice Presidente</b>	
<b>Andreza dos Santos – Editora Chefe</b>	
Dr. Diego Passoni	Dra. Michelle Medeiros
Dr. José Antônio da S. Santos	M.e. Oscar Pedro Neves Junior
Dr. Nelson G. Casagrande	Dra. Solange Maria da Silva
Dra. Joana D'arc S. da Silva	Dr. Cleber de O. dos Santos
Dr. Franco Wronsk Comeli	Dra. Larissa da S. Joaquim
Dra. Emillie Michels	M.a. Gabriela Fidelix de Souza

B740t

Bressan, Jurema de Andrade.

Tenho um aluno com laudo, e agora? Compreender para incluir: estratégias e práticas educacionais para a inclusão. [recurso eletrônico] / Jurema de Andrade Bressan. Capivari de Baixo : Editora UNIVINTE, 2025.

75,7 KB ; PDF.

ISBN: 978-85-66962-52-9.

1. Inclusão. 2. Educação. I. Título.

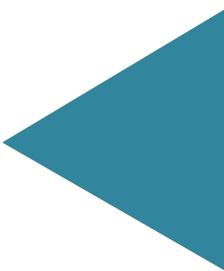
CDD 371.9

(Catalogação na fonte por Andreza dos Santos – CRB/14 866).

Editora Univinte – Avenida Nilton Augusto Sachetti, nº 500 – Santo André, Capivari de Baixo/SC. CEP 88790-000.

Todos os direitos reservados. Proibidos a produção total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo art. 184 do Código Penal.



## **Jurema de Andrade Bressan**

Psicóloga.

Mestre em Ciências da Saúde.

Especialista em Saúde e Educação.

Formação em Psicanálise.

Especialista em Psicoterapia Psicodinâmica Breve.

24 anos de atuação na área clínica e educacional.

Professora no curso de Psicologia do

Centro Universitário UNIVINTE.

Psicóloga no Colégio Santíssimo Sacramento.



*Cada folha (aluno) é uma história, e juntas, formam  
uma árvore (escola).*

*A árvore só é forte porque suas folhas, raízes e seus galhos  
trabalham em conjunto, mesmo sendo diferentes.*

*Ela é completa porque acolhe cada folha (com equidade),  
independentemente de sua cor, forma ou seu tamanho.*

## APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de uma trajetória profissional rica e desafiadora, marcada pela convivência diária com alunos, professores e famílias que buscam, juntos, caminhos para a aprendizagem e inclusão. Ele nasce da experiência direta da autora como psicóloga em uma escola particular, onde o número crescente de alunos com laudo revelou a urgente necessidade de práticas pedagógicas mais conscientes, empáticas e eficazes.

Ao longo dessa jornada, a autora pôde observar de perto como os desafios enfrentados por esses estudantes podem ser transformados em oportunidades de desenvolvimento e aprendizado quando a escola se torna um ambiente verdadeiramente acolhedor. Ao mesmo tempo, sua atuação como professora universitária no curso de graduação em Psicologia — nas disciplinas de *Psicologia*, *Deficiência e Inclusão* e na disciplina de *Psicopatologia da Infância e Adolescência* — proporcionou uma base teórica sólida e um espaço de reflexão que enriqueceu ainda mais sua prática.

Este livro reúne, portanto, a teoria e a prática, propondo uma abordagem que combina conhecimento científico, legislações pertinentes, com estratégias pedagógicas para as vivências cotidianas de sala de aula e os desafios enfrentados pelas famílias e educadores. É um convite à reflexão e à ação, buscando construir uma educação que valorize a diversidade como um recurso, e não como um obstáculo.

Mais do que responder à questão “Como proceder com um aluno que possui um laudo? ”, esta obra tem como objetivo servir como um guia e uma fonte de apoio para profissionais da educação que acreditam no potencial transformador do ensino e buscam impactar positivamente a vida de seus alunos.

É amplamente reconhecido que os transtornos e as deficiências têm se tornado cada vez mais evidentes no ambiente escolar, dada a alta concentração de crianças e adolescentes nesse espaço. Este trabalho aborda alguns dos transtornos e deficiências mais frequentemente identificados no contexto da prática profissional da autora, com base na experiência específica vivenciada em uma determinada escola.

Aqui, cada escrita é um passo em direção à inclusão verdadeira, construída com dedicação, conhecimento e, acima de tudo, com amor e humanidade. Por isso, boa leitura!

Jurema de Andrade Bressan

## PREFÁCIO

Como coordenadora pedagógica, acompanho de perto as discussões sobre a inclusão educacional, que visam a conscientização sobre a diversidade e a promoção da equidade no acesso ao conhecimento. O aumento contínuo do número de alunos com laudo evidencia a necessidade de fornecer suporte e orientações aos educadores, auxiliando-os na condução de um processo pedagógico inclusivo e eficaz.

Este e-book constitui um convite a todos os profissionais da educação comprometidos com a construção de um ensino que, antes de tudo, acolhe e valoriza o aluno em sua individualidade, independentemente de suas especificidades. As práticas e estratégias pedagógicas aqui descritas têm o potencial de transformar as salas de aula em espaços genuinamente inclusivos, garantindo que cada estudante tenha suas necessidades atendidas e, assim, possa desenvolver plenamente seu aprendizado.

A obra responde à indagação que muitos educadores se fazem: "*Tenho um aluno com laudo, e agora?*" Por meio de sugestões práticas e fundamentadas, a autora apresenta estratégias aplicáveis ao cotidiano escolar, possibilitando que estudantes com laudo desenvolvam suas competências e habilidades, participando ativamente do processo de construção do conhecimento.

Ao explorar este livro, você é convidado a refletir sobre as abordagens pedagógicas inclusivas e a se engajar na missão coletiva de tornar a educação um espaço verdadeiramente acessível e equitativo para todos.

Daniela Fraga  
Coordenadora Pedagógica

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA.....	13
TENHO UM ALUNO COM LAUDO, E AGORA? AFINAL, O QUE QUER DIZER SER UM ALUNO COM LAUDO?.....	13
ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA.....	16
ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS COM DI.....	18
ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS COM BAIXA VISÃO E CEGO .....	19
ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS SURDOS .....	21
TRANSTORNOS MENTAIS.....	23
TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO .....	24
ALUNOS COM TRANSTORNOS ESPECÍFICO DE APRENDIZAGEM .....	24
ALUNOS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE - TDAH .....	32
ALUNOS COM TEA- TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA .....	33
ALUNOS COM TPAC - TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL .....	36
ALUNOS COM TRANSTORNO DE ANSIEDADE.....	38

TRANSTORNO DISRUPTIVOS, DO CONTROLE DE IMPULSOS E DA CONDUTA.....	40
ALUNOS COM TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR - TOD.....	40
ALUNOS COM TRANSTORNO EXPLOSIVO INTERMITENTE - TEI.....	41
ALUNOS COM TRANSTORNO DE CONDUTA.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44

## INTRODUÇÃO

A educação é um direito fundamental, assegurado a todos os indivíduos, independentemente de suas condições ou particularidades. No entanto, para garantir que esse direito seja efetivamente respeitado, é necessário compreender as especificidades de cada estudante e oferecer os recursos adequados para sua aprendizagem. Este livro surge como uma resposta a uma pergunta que muitos educadores se fazem: *Tenho um aluno com Laudo, e agora?*

Alunos com laudo, muitas vezes, são vistos como um desafio adicional no ambiente escolar, mas, na verdade, são uma oportunidade para promovermos uma educação mais inclusiva, humanizada e eficaz. Um laudo não define o estudante, mas serve como uma ferramenta valiosa para compreender suas necessidades e potencialidades. Ele nos auxilia a enxergar além dos rótulos e a planejar estratégias que assegurem uma aprendizagem significativa, respeitando a singularidade de cada aluno.

Este trabalho busca refletir sobre o papel da escola e dos professores no processo de ensino-aprendizagem de alunos com laudos (médico ou psicológico), reforçando a ideia de que esses estudantes não são “alunos de inclusão”, mas simplesmente alunos. É essencial abandonar os estigmas e construir um olhar que veja, antes do laudo, a pessoa — um indivíduo com sonhos, capacidades e um potencial único, - um aluno em formação/transformação.

A proposta aqui, apresentada fundamenta-se em valores como empatia, respeito e equidade. Além disso, ampara-se em legislações que garantem a Educação Inclusiva, com o objetivo de estabelecer igualdade de oportunidades para todos os estudantes.

Neste livro, convido o leitor a refletir: como podemos proporcionar um ambiente de aprendizagem que valorize a diversidade e promova a participação integral de todos os alunos? Para tanto, apresento estratégias práticas e reflexões sobre adaptações pedagógicas, planejamento inclusivo, construção de parcerias com as famílias, os profissionais da saúde, e o papel essencial da formação docente.

A jornada de aprendizagem é contínua e singular para cada aluno. O papel dos educadores deve ser de garantir que todos tenham as ferramentas e os recursos necessários para trilhar esse caminho com dignidade, autonomia e sucesso.

A educação inclusiva, como prática e conceito, é mais do que um dever legal; é uma exigência ética que reconhece o direito de cada indivíduo ao aprendizado. A elaboração deste livro justifica-se pela necessidade crescente de apoiar educadores e instituições no enfrentamento dos desafios práticos e conceituais relacionados à inclusão de alunos com laudo.

Embora existam legislações e diretrizes que orientam a inclusão, muitos educadores ainda enfrentam dificuldades em adaptar suas práticas para atenderem às necessidades específicas de seus alunos. A falta de formação continuada, recursos pedagógicos adequados e conhecimento sobre deficiências e transtornos torna o processo mais desafiador.

Assim, este material foi pensado para contribuir no preenchimento dessa lacuna, oferecendo ferramentas que orientem práticas pedagógicas eficazes, promovam a inclusão e estimulem uma reflexão profunda sobre o papel transformador da educação. Lembrando que, antes de tudo, é preciso saber que os alunos com laudos não fazem parte de um grupo fechado, homogêneo. Ou seja, as técnicas e as formas utilizadas para determinada criança podem não ser eficazes para outra.

Desejo que as reflexões a seguir inspirem educadores a construir pontes, derrubar barreiras e cultivar ambientes de aprendizado onde todos os estudantes possam prosperar.

## ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

### TENHO UM ALUNO COM LAUDO, E AGORA? AFINAL, O QUE QUER DIZER SER UM ALUNO COM LAUDO?

Alunos com laudo são estudantes que precisam de recursos pedagógicos adicionais para se desenvolverem ainda mais na escola. Laudos ajudam a escola a compreender melhor o perfil do estudante e a adotar estratégias pedagógicas personalizadas para promover os seus desenvolvimentos acadêmico e social.

Alunos com necessidades de adaptação não são “alunos de inclusão,” são alunos da Escola. Devemos direcionar estratégias de ensino para planejar atividades que atendam às necessidades específicas do aluno, além disso, garantir direitos, assegurando que ele tenha acesso às adaptações necessárias, respeitando leis como a da Educação Inclusiva, que priorizam a igualdade de oportunidades. E, assim, fortalecer a parceria entre a escola, a família e os profissionais de saúde para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e eficaz.

Então, o que pensar? Como pensar o processo de Ensino aprendizagem? Conhecer e compreender cada aluno para escolher a melhor forma de ensinar. Lembrando sempre que por trás do LAUDO existe um ALUNO. E, esse, não é um deficiente; ou “tadinho;” “especial”, “portador”, “com problema” ou outros termos chamados na tentativa de abordar de uma forma justificada, muitas vezes, como carinhosa. Ele é uma Pessoa (aluno) com deficiência e/ou com transtorno. Assim, a referência correta é:

- ✓ Pessoa com deficiência física; ou Aluno com deficiência física;
- ✓ Pessoa com deficiência intelectual; ou Aluno com deficiência intelectual;
- ✓ Pessoa com TDAH; ou Aluno com TDAH;
- ✓ Pessoa com TEA ou Aluno com TEA... e, assim, para qualquer outra deficiência e transtorno.

Todo aluno está em um processo de aprendizagem que se inicia desde o nascimento e perdura por toda a vida. O indivíduo aprende em qualquer situação, pois aprendizagem é um processo pessoal e contínuo. Cada um tem seu tempo de aprender.

Então, como conseguimos proporcionar a participação integral do estudante em um ambiente rico de oportunidades educacionais com resultados favoráveis?

Uma possível resposta é reconhecendo o aluno como sujeito em processo de aprendizagem, com atitudes flexíveis para adaptação e adequação com um olhar avaliativo, afetivo e efetivo para adaptações necessárias. Para tanto, algumas ações são necessárias, como a adequação de recursos, adequação de estratégias, adequação de atividades avaliativas para melhorar as condições de aprendizagem e a adequação de postura profissional.

A escola deve ser um espaço que reconheça e valorize a diversidade, promovendo a inclusão de todos os estudantes, independentemente de suas características pessoais, sociais, culturais ou de qualquer outra natureza, respeitando suas diferenças e garantindo a equidade no processo de aprendizagem. (Brasil, 2018)

Essa diretriz reforça o compromisso de criar ambientes educacionais que acolham e atendam as necessidades de todos

os alunos, promovendo oportunidades justas de desenvolvimento e participação ativa na sociedade.

Nesse sentido, é importante distinguir Deficiência de Transtorno. Segundo o Decreto nº 6.949/2009, "[...]pessoa com deficiência tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas".

Sobre as barreiras que influenciam negativamente na vida das pessoas, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) aborda as barreiras físicas e atitudinais como aspectos que podem dificultar ou impedir a plena participação das pessoas com deficiência na sociedade. As definições estão descritas no Artigo 3º, Inciso IV, que classifica barreiras como:

Barreiras físicas são elementos físicos, arquitetônicos, urbanísticos e de transportes que dificultem ou impeçam o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a utilização de espaços, mobiliários e equipamentos urbanos e rurais.

Barreiras atitudinais são atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas. (Brasil, 2015)

Conforme a Lei nº 13.146/2015, as deficiências são classificadas em: deficiência Intelectual, que são déficits em capacidades mentais genéricas, como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência. Deficiência Física: Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física. E a Deficiência Sensorial (Deficiência visual - Pessoa cega ou Pessoa de baixa visão; Deficiência auditiva ou surdez). Em alguns casos, temos a Deficiência Mista ou múltipla (mais de um tipo de deficiência em cada pessoa).

Já o Transtorno Mental é caracterizado, por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo. Estão frequentemente associados ao sofrimento ou incapacidade, significativos que podem afetar atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes. (APA, 2022).

Seja na Deficiência ou no Transtorno, precisamos de preparação e dedicação da equipe educacional e dos professores, apoio adequado e recursos especializados; avaliações adaptadas e material pedagógico de acordo com o recurso necessário ao estudante. Com esse olhar, seguem algumas sugestões de práticas pedagógicas para serem pensadas e aplicadas nas escolas.

## **Estratégias e práticas pedagógicas para alunos com deficiência**

Para que as escolas sejam, de fato espaços inclusivos, é imprescindível que promovam ambientes acolhedores, onde a diversidade seja reconhecida e valorizada, e as barreiras de acesso sejam sistematicamente eliminadas. Isso envolve o uso de tecnologias assistivas, adaptações curriculares e formação contínua dos profissionais da educação. A participação ativa das famílias e da comunidade escolar é igualmente fundamental, criando uma rede de apoio que fortalece o processo de inclusão.

A inclusão de crianças com deficiência é fundamentada na ideia de que todas as pessoas, independentemente de suas limitações, devem ter acesso a ambientes e oportunidades que promovam seu desenvolvimento pleno. Esse conceito é sustentado por marcos legais internacionais e nacionais, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU (2006) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015), que reforçam o

direito à educação e ao convívio social em espaços inclusivos, comprometidos em derrubar barreiras físicas, pedagógicas e atitudinais que possam impedir a plena participação dessas crianças.

O Transtorno do desenvolvimento intelectual (TDI) é, popularmente conhecido por Deficiência Intelectual (DI). De acordo com Azevedo (2016), o TDI pode surgir em diferentes níveis (leve, moderado, grave e profundo), proceder de modo independente, ou ter associado outro transtorno mental ou físico. Esse transtorno se manifesta ao longo do desenvolvimento humano, por meio de alterações intelectuais, cognitivas e adaptativas que podem limitar o indivíduo nas suas atividades diárias, como a comunicação, participação social e independência em múltiplos ambientes (casa, escola, trabalho e comunidade).

Com relação à escola, as dificuldades dos alunos com TDI podem aparecer claramente nas aprendizagens acadêmicas, por meio de déficits nas funções intelectuais que envolvem o raciocínio, a resolução de problema, o planejamento e organização de ideias, os pensamentos abstratos e as alterações na coordenação ou função motora. Esses déficits, portanto, podem resultar em fracasso no desenvolvimento cognitivo, psíquico, físico e sociocultural.

O aluno com TDI não precisa ser caracterizado por suas limitações significativas. Ele necessita de apoios educacional e social contínuo. Para isso, a escola deve propor modificações de forma que possibilite ao aluno um ensino de qualidade, promovendo medidas que o auxiliem no acesso e compreensão do conhecimento, de acordo com suas capacidades.

## Estratégias e práticas pedagógicas com alunos com DI

As práticas pedagógicas com esses alunos devem ser no sentido de observar como o aluno reage e age em cada situação e atividades aplicadas, bem como as realiza. O professor deve estar atento para auxiliá-lo; propor trabalho, pesquisas, atividades com práticas e vivências que estimulem o conhecimento e novas ações. Importante também:

- ✓ Posicionar os alunos com DI sempre na primeira carteira para o educador/professor possa acompanhá-lo da melhor forma;
- ✓ Dar instruções de modos claro, objetivo e com elementos simples no comando;
- ✓ Falar pouco e com calma; repetir apenas se perceber a necessidade;
- ✓ Tentar sempre partir de exemplos e experiências diretas e concretas, dividindo-as em pequenos blocos de informações, com apoio de imagens e cenas;
- ✓ Sempre que possível, pedir para o aluno explicar a atividade para você, assim, conseguirá perceber até onde o aluno está em seu desenvolvimento;
- ✓ Utilizar diversas linguagens: música, expressões corporais e também promover situações que favoreçam o desenvolvimento psicomotor;
- ✓ Utilizar estratégias da Leitura Fácil para a construção de textos com acessibilidade;
- ✓ Formar grupos de aprendizagem cooperativo;
- ✓ Usar sistema de companheirismo e contar histórias para ensinar;
- ✓ Preparar versões simplificadas do material didático;

- ✓ Ensinar e estimular a pedir ajuda sempre que precisar;
- ✓ Fazer adaptação do conteúdo e das provas e avaliar o aluno pelo processo individual sem compará-lo com a turma;
- ✓ Valorizar as suas habilidades e talentos.

## **Estratégias e práticas pedagógicas com alunos com baixa visão e cego**

A cegueira é definida pela ausência total de visão ou pela presença de um resíduo visual extremamente reduzido, o que torna o Sistema Braille uma ferramenta essencial para leitura e escrita. Além disso, tecnologias assistivas, como aplicativos específicos, desempenham um papel fundamental na comunicação e no acesso à informação para essas pessoas. Já a baixa visão é caracterizada pela redução significativa da capacidade visual em ambos os olhos, mesmo após tratamentos médicos, cirúrgicos ou correções ópticas tradicionais. Contudo, pessoas com baixa visão podem ler textos impressos, desde que contem com adaptações, como o uso de letras ampliadas ou dispositivos ópticos especializados.

É essencial avaliar o potencial de visão central ainda preservado no aluno, identificando as dificuldades que ele possa ter em perceber detalhes e a necessidade de se aproximar do quadro ou dos materiais pedagógicos. Para facilitar a distinção de detalhes, recomenda-se melhorar o contraste e ajustar a iluminação dos materiais, ampliando, assim, as possibilidades de uso da visão por meio de diferentes experiências. Além disso, podem ser integrados recursos táteis e auditivos sempre que a visão não for suficiente. Essas estratégias ajudam o aluno a criar imagens mentais a partir de experiências concretas com os

objetos, promovendo tanto a compreensão tridimensional, quanto simbólica.

Nesses casos, não podemos deixar de pensar também na iluminação adequada (tanto natural quanto artificial). Além disso, outras práticas pedagógicas devem ser pensadas, no sentido de:

- ✓ Pensar a organização do espaço com móveis fixos e caminhos livres para facilitar a locomoção. A mobília deve ser adaptável (mesas e cadeiras ajustáveis permitem que o estudante se posicione de forma confortável e segura). A sinalização deve ser tátil (sinalização tátil em braille e em relevo para portas, banheiros, corredores e outros pontos importantes);
- ✓ Quanto aos recursos metodológicos, devem ser audiovisuais (legendas e audiodescrição, para garantir o acesso à informação);
- ✓ Utilizar os aplicativos da tecnologia assistiva que realizam a leitura dos materiais em PDF.

A utilização de recursos tecnológicos torna-se essencial para o desenvolvimento das atividades acadêmicas pelos estudantes cegos. Compreenda que a pessoa cega não vê, mas nem por isso vive num mundo escuro e sombrio. Ela percebe coisas e ambientes e adquire informações, por exemplo, por meio do tato, do paladar, do olfato e da audição. E, esses, ficam tão aprimorados, que a audição, por exemplo, o deixa focado e com memória privilegiada no sentido de escutar, entender e memorizar conteúdos, pois não teve interferências visuais que dispersam sua atenção.

## Estratégias e práticas pedagógicas com alunos surdos

A surdez é um fenômeno multifacetado que abrange não apenas aspectos clínicos relacionados à perda auditiva, mas também dimensões culturais e linguísticas que moldam a identidade das pessoas surdas.

A pessoa surda é aquela que apresenta perda auditiva de grau severo a profundo, bilateral ou unilateral, que interfere na percepção e compreensão da fala por via auditiva, mesmo com o uso de amplificação sonora. A surdez é considerada não apenas uma condição clínica, mas também uma característica cultural e identitária para muitas pessoas que utilizam a Língua Gestual como principal meio de comunicação e expressão. Essa perspectiva amplia o conceito, reconhecendo a surdez como parte de uma comunidade linguística e sociocultural, e não apenas como uma deficiência (Skliar, 1998 apud Souza e Lima, 2023).

Dentro dessa perspectiva, a língua gestual emerge como o principal meio de comunicação, desempenhando um papel central na construção de uma comunidade sociocultural distinta. (Souza e Lima, 2023). No contexto educacional, o reconhecimento dessa identidade e o uso de práticas pedagógicas inclusivas são fundamentais para promover o aprendizado e o desenvolvimento integral dos estudantes surdos.

A seguir, temos algumas estratégias pedagógicas que valorizam a língua gestual e a abordagem bilíngue, bem como o papel do professor na criação de um ambiente que respeite e potencialize as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. É importante, refletir que nesse contexto, torna-se imprescindível que as escolas adotem práticas que promovam o ensino de Libras como disciplina fundamental para todos os alunos, fomentando a convivência e a interação

linguística inclusiva. Além disso, é crucial que as políticas públicas priorizem a capacitação continuada de professores em Libras, garantindo que estejam preparados para atuar de forma efetiva em contextos bilíngues, assegurando os plenos desenvolvimentos educacional e social dos estudantes surdos. Além disso, podemos:

- ✓ Conscientizar e informar a turma a respeito do colega surdo;
- ✓ Orientar a sentar-se nos primeiros lugares, de preferência na fila do meio da sala;
- ✓ Utilizar todos os recursos possíveis para efetivar a comunicação;
- ✓ Verificar se aluno está atento, antes de iniciar uma atividade;
- ✓ Chamar a atenção por meio de um leve toque no ombro.
- ✓ Essas práticas facilitarão ao aluno surdo a visualização da expressão facial do professor.

## TRANSTORNOS MENTAIS

Como mencionado anteriormente, existe diferença entre deficiência e transtorno, visto que Deficiência se refere a limitações permanentes nas funções física, sensorial ou intelectual. Já o Transtorno geralmente se refere a condições de saúde mental ou comportamental que podem ser temporárias ou permanentes e que, frequentemente, envolvem alterações psicológicas ou neurológicas.

Em relação ao processo de aprendizagem, é importante diferenciar Dificuldades de Aprendizagem de Transtornos de Aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem são defasagens abrangentes referentes ao processo de aprendizagem. O próprio nome sugere que são dificuldades no aprendizado, e que podem ser de origens cognitiva, social ou emocional. Alguns exemplos são a desmotivação, conflitos, problemas com alimentação, sono, problemas com o professor, entre outros de ordem emocional. Esses são amenizados ou resolvidos a partir de psicoterapia e ajustamento familiar.

De acordo com o DSM 5-TR, o Transtorno Específico de Aprendizagem, faz parte do Transtorno do Neurodesenvolvimento, junto ao TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e o TEA – Transtorno do Espectro Autista. (APA, 2022).

## TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO

### ALUNOS COM TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM

Segundo APA, 2022, os Transtorno de Aprendizagem são as disfunções neurológicas de assimilação de conteúdos referentes a escrita, leitura e capacidades matemáticas. As possíveis causas são lesão cerebral, alteração no desenvolvimento cerebral, hereditariedade, entre outros. Assim, os transtornos de aprendizagem são subdivididos em:

F81.0 Com prejuízo na leitura: precisão na leitura de palavras; velocidade ou fluência da leitura; compreensão da leitura.

F81.81 Com prejuízo na expressão escrita: precisão na ortografia; precisão na gramática e na pontuação; clareza ou organização da expressão escrita.

F81.2 Com prejuízo na matemática: senso numérico; memorização de fatos aritméticos; precisão ou fluência de cálculos; precisão no raciocínio matemático. discalculia é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldades caracterizado por problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos ou fluentes. Se o termo discalculia for usado para especificar esse padrão particular de dificuldades matemáticas, é importante também especificar quaisquer dificuldades adicionais que estejam presentes, tais como dificuldades no raciocínio matemático ou na precisão na leitura de palavras.

O DSM 5- TR ainda destaca a importância de especificar a gravidade atual da dificuldade apresentada:

Leve: alguma dificuldade em aprender habilidades em um ou dois domínios acadêmicos, mas com gravidade que permita ao indivíduo ser capaz de compensar ou funcionar bem quando lhe são propiciados adaptações ou serviços de apoio adequados, especialmente durante os anos escolares.

Moderada: dificuldades acentuadas em aprender habilidades em um ou mais domínios acadêmicos, de modo que é improvável que o indivíduo se torne proficiente sem alguns intervalos de ensino intensivo e especializado durante os anos escolares. Algumas adaptações ou serviços de apoio por pelo menos parte do dia na escola, no trabalho ou em casa podem ser necessários para completar as atividades de forma precisa e eficiente.

Grave: dificuldades graves em aprender habilidades, afetando vários domínios acadêmicos, de modo que é improvável que o indivíduo aprenda essas habilidades sem um ensino individualizado e especializado contínuo durante a maior parte dos anos escolares. Mesmo com um conjunto de adaptações ou serviços de apoio adequados em casa, na escola ou no trabalho, o indivíduo pode não ser capaz de completar todas as atividades de forma eficiente.

Independentemente do tipo de Transtorno Específico de Aprendizagem, ele não está relacionado à vontade do sujeito, ou incapacidade de aprender. Por se tratar de algo orgânico, deve ser visto como uma forma diferente de assimilar conhecimento.

A seguir, algumas sugestões de práticas pedagógicas com alunos com Transtorno Específico de Aprendizagem:

a) Dislexia:

Dislexia, segundo o DSM 5- TR, é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizado por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e

dificuldades de ortografia. Se o termo dislexia for usado para especificar esse padrão particular de dificuldades, é importante também, especificar quaisquer dificuldades adicionais que estejam presentes, tais como dificuldades na compreensão da leitura ou no raciocínio matemático. (APA, 2022).

Pensando em práticas pedagógicas inclusivas para os alunos com dislexia, podemos seguir os princípios da Linguística Estruturada, que foi introduzido no Brasil a partir de um trabalho desenvolvido pela equipe de pesquisa nas escolas Newton, em Massachusetts. Segundo Silva, Duarth e Pereira (2019), esse método trata-se de uma abordagem neuropedagógica de ensino que consiste na pesquisa das dificuldades no aprendizado da língua e estabelece a conexão que se tem entre a informação neurológica e os princípios psicopedagógicos. A autora ainda cita que, para a implantação desse método no Brasil, a psicóloga brasileira Mônica Kuczynski em trabalho conjunto à Pamela Kvilekval, educadora inglesa especializada em dificuldades de aprendizado, construiu a estrutura do método Panlexia, que teve fundamento nas características fonêmicas e grafêmicas do nosso idioma. Dentre as características desse método, podemos citar:

- ✓ É um método multissensorial, ou seja, diferentes canais de aprendizado são usados sucessivamente visando a melhora da memória e o aprendizado. Assim criam-se ligações com o que está sendo visto – canal visual-, o que está sendo ouvido – canal auditivo-, o que se sente e, por fim, a consciência motora, canal tátilcinestésico que é responsável pelo aprendizado da leitura e escrita.
- ✓ Ensinar a consciência fonológica – a relação entre grafemas e fonemas, diferentes tipos de sílabas, regras e probabilidades estruturais da língua, prefixos, sufixos.

- ✓ Ensinar a leitura e escrita conjuntamente.
- ✓ Ensinar primeiro os elementos mais simples da linguagem e, depois aumenta o grau de dificuldade dos desafios, à medida em que o aluno vai aprendendo.
- ✓ Esse método é maleável e se adapta ao aluno. O educador deve ir criando oportunidades para ensinar as mudanças de acordo com a evolução do aluno, respeitando seu tempo de aprendizagem, pois assim, cria-se uma conexão com as redes neurais que o aluno já possui.

Tendo em vista que a dificuldade do aluno disléxico é na leitura, os tipos de avaliação elaborados pelo professor são essenciais para sua compreensão. As avaliações são um momento complexo na vida do estudante com dislexia e, portanto, o professor deve evitar fazer textos muito longos e várias questões de escolha. Citando, ainda, Silva, Duarth e Pereira (2019), as avaliações devem:

- ✓ Utilizar sempre uma única fonte de letra para que o aluno não fique confuso.
- ✓ Como eles têm dificuldade com a leitura, se possível aplicar avaliações orais.
- ✓ A dificuldade que o disléxico apresenta ao ler e decodificar textos o influencia a interpretar de forma literal a mensagem contida no texto, sendo assim: a linguagem utilizada deve ser de fácil compreensão e objetiva;
- ✓ Procure falar de um assunto por vez em cada questão;
- ✓ Ler a prova em voz alta facilita a compreensão do aluno;

- ✓ Outra alternativa para a realização das avaliações é o uso de áudios, por meio dos quais o professor envia as perguntas e o aluno responde verbalmente. Esse formato permite registrar as respostas de forma objetiva, garantindo a acessibilidade e a adequação às necessidades individuais dos estudantes.

b) Disgrafia:

A criança com disgrafia escreve de uma forma fora do padrão, com uma caligrafia deficiente, letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e fora de proporção. Segundo Lettieri (2020),

quando a criança tem esse distúrbio, as características comuns são: letra excessivamente grande ou excessivamente pequena; forma das letras irreconhecível; traçado exagerado e grosso ou demasiadamente suave; grafismo trêmulo ou com irregularidade; escrita muito rápida ou lenta; espaçamento irregular das letras ou palavras; erros e borrões que impedem a leitura do que foi escrito.

Algumas sugestões de práticas pedagógicas para esse transtorno específico são:

- ✓ Estimule o uso de lápis e canetas ergonômicas para facilitar o manuseio;
- ✓ Utilize cadernos com linhas marcadas e espaçamento maior para orientar a escrita;
- ✓ Disponibilize superfícies inclinadas para apoiar os braços e melhorar o controle motor;
- ✓ Introduza atividades que trabalhem a motricidade fina, como modelagem com argila, jogos de encaixe e quebra-cabeças;

- ✓ Realize exercícios específicos, como traçar figuras geométricas, labirintos e copiar letras em diferentes tamanhos;
- ✓ Foque na clareza e coerência das ideias, em vez de enfatizar a caligrafia;
- ✓ Permita o uso de recursos visuais, como desenhos ou colagens, para complementar ou substituir a escrita em algumas atividades;
- ✓ Inclua estratégias diferenciadas nos planos de aula, como o uso de histórias em quadrinhos ou atividades práticas, que demandem menos escrita;
- ✓ Estimule a leitura para expandir o vocabulário e reforçar o reconhecimento de palavras e padrões de escrita;
- ✓ Incentive o uso de computadores ou tablets para digitação como alternativa à escrita manual;
- ✓ Instale softwares de reconhecimento de voz, que permitem ao aluno ditar o texto;
- ✓ Explore aplicativos educativos que auxiliem no desenvolvimento da coordenação motora fina;
- ✓ Divida tarefas de escrita em etapas (planejamento, rascunho e revisão) para reduzir a sobrecarga;
- ✓ Permita que o aluno use organizadores gráficos, como mapas mentais, para estruturar ideias antes de escrevê-las;
- ✓ Elogie os esforços do aluno, destacando suas conquistas e seus progressos na escrita;
- ✓ Evite comparações com colegas, promovendo um ambiente acolhedor e motivador;
- ✓ Ofereça mais tempo para concluir atividades que envolvam escrita manual.

c) Discalculia

Esse transtorno específico, é tão comum como os transtornos de leitura e escrita. Seu significado, segundo o DSM 5-TR, é uma Perturbação da Aprendizagem Específica com Déficit na Matemática. Essa condição caracteriza-se por dificuldades significativas em habilidades matemáticas fundamentais, incluindo:

- ✓ Compreensão do conceito de número;
- ✓ Memorização de factos aritméticos;
- ✓ Fluência e precisão no cálculo;
- ✓ Raciocínio matemático preciso.

Segundo o DSM 5-TR, indivíduos com discalculia podem apresentar desafios persistentes na compreensão e execução de tarefas que envolvem números e operações matemáticas, mesmo quando instruídos de forma adequada. Essas dificuldades interferem no desempenho acadêmico e nas atividades diárias que requerem habilidades matemáticas.

Para um diagnóstico preciso, é essencial, uma avaliação abrangente que considere o histórico de desenvolvimento, desempenho escolar e avaliações psicoeducacionais. A identificação precoce e ainda intervenções adequadas podem ajudar a mitigar os impactos da discalculia no aprendizado e na vida cotidiana.

Algumas sugestões de práticas pedagógicas para esse transtorno específico são:

- ✓ Promover, um ensino com contextos do cotidiano;
- ✓ Estimular o uso de materiais manipulativos, como blocos, fichas, ábacos, tangram ou dinheiro falso, para ilustrar conceitos matemáticos;

- ✓ Utilizar recursos visuais, como gráficos, tabelas, e diagramas, para representar problemas matemáticos;
- ✓ Promover estratégias de ensino personalizado, oferecendo instruções claras e repetitivas, com exemplos práticos e situações reais;
- ✓ Dê ainda, mais tempo para a realização de atividades que envolvam cálculo;
- ✓ Contribuir no desenvolvimento da memória operacional, trabalhando com jogos como jogos de memória com números ou sequências matemáticas, jogos de tabuleiro ou cartas que envolvam números e operações;
- ✓ Criar atividades que ajudem a reconhecer padrões numéricos;
- ✓ Usar aplicativos e jogos educativos que promovam o aprendizado lúdico de matemática, como Mathway ou Khan Academy;
- ✓ Permitir o uso de calculadoras, softwares matemáticos e ferramentas digitais interativas;
- ✓ Associar os conceitos matemáticos a situações práticas, como fazer compras, medir ingredientes em receitas ou calcular tempos e distâncias;
- ✓ Disponibilizar tabelas de multiplicação, linhas numéricas e outros recursos visuais que ajudem o aluno a lembrar fórmulas ou padrões;
- ✓ Usar cores e formas para destacar relações matemáticas, como somas, subtrações e frações;
- ✓ Elogiar pequenos progressos, destacando os esforços e conquistas do aluno;
- ✓ Oferecer feedback imediato e construtivo, ajudando a reforçar os acertos e corrigir os erros;
- ✓ Criar um ambiente acolhedor, evitando cobranças excessivas e comparações com colegas;

- ✓ Encorajar o aluno a se sentir confortável ao expor dúvidas ou dificuldades.

## Alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH

O TDAH é caracterizado por déficits de desenvolvimento ou diferenças nos processos cerebrais que produzem prejuízos: aos funcionamentos pessoal, social, acadêmico e ocupacional. (APA, 2022).

Muitas vezes, tendemos a associar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) a um elevado problema comportamental de caráter “indisciplinar” de uma criança sem limites e sem modelos educacionais aceitáveis. Na verdade, ao se tratar de déficit de atenção e hiperatividade, estamos nos referindo a um quadro de sinais e sintomas de base neurológica que pode resultar em problemas relevantes ao desenvolvimento biopsicossocial. (Azevedo, 2026). De acordo com o DSM-5-TR, esse transtorno é caracterizado por persistentes características de desatenção e/ou hiperatividade que interferem no funcionamento e desenvolvimento do indivíduo, com níveis que variam de leve a grave. (APA, 2022).

Quanto às Práticas Pedagógicas, devemos pensar que alunos com dificuldade de concentração precisam de espaço organizado, rotina, atividades lógicas e regras. Assim, para provas e atividades:

- ✓ Reduza o máximo que puder o número de estímulos, organizando a sala de forma a minimizar distrações visuais e sonoras, mantendo o aluno em local estratégico (próximo ao professor e longe de janelas ou portas);

- ✓ Elogie o aluno por pequenas conquistas, reforçando comportamentos desejados;
- ✓ Crie um sistema simples, como estrelas ou pontos, para motivar o aluno a cumprir metas específicas (realizar de acordo com a idade do estudante);
- ✓ Utilize fonte maior;
- ✓ Coloque sempre as linhas para as respostas;
- ✓ Não dividir as questões em lacunas;
- ✓ Utilize espaço maior entre uma questão e outra;
- ✓ Seja claro e objetivo ao formular a pergunta;
- ✓ Destacar em negrito o item importante da Prova;
- ✓ Evitar questões de múltipla escolha ou de “pegadinhas”;
- ✓ Não utilizar questões de Verdadeira ou Falsa;
- ✓ Evite questões com gráfico e fórmulas extensas;
- ✓ Evite questões extensas;
- ✓ Estenda o tempo da prova.

## **Alunos com TEA- Transtorno do Espectro Autista**

O aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresenta alterações na comunicação e na interação social, conforme descrito nos critérios diagnósticos do DSM-5-TR. Essas alterações podem incluir dificuldades na reciprocidade socioemocional, na utilização de comportamentos não verbais para a interação e no desenvolvimento, na manutenção e compreensão de relações sociais.

É importante destacar que a ausência de contato visual não implica, necessariamente, falta de atenção ou compreensão. Para muitos indivíduos com TEA, manter o olhar nos olhos pode ser uma experiência sensorialmente desafiadora, podendo gerar

desconforto e sobrecarga cognitiva. Dessa forma, estratégias de comunicação que respeitem o processamento sensorial e as particularidades do aluno são fundamentais para promover uma interação eficaz e inclusiva.

Autistas gostam de rotinas, de previsibilidade, de monotonia. É uma forma de se sentirem seguros, protegidos e, talvez por isso, desenvolvem fixações. Assim, é importante descobrir o que gosta, brincar, contar histórias, usar estímulos visuais, identificar habilidades e explorá-las (ex.: inglês, sistema solar); e falar/jogar seus jogos de vídeo game.

É comum ao Autista entrar em crise em alguns momentos e, quando isso acontecer na escola, os profissionais envolvidos devem manter a calma, acolhe-lo com carinho e cuidado para que não se machuque e, após a crise, ensiná-lo a reconhecer emoções/sentimentos.

Dessa forma, podemos pensar algumas sugestões de estratégias e práticas pedagógicas para esse transtorno:

- ✓ Manter a nossa calma para acalmá-lo (a regulação é mais rápida quando ocorre a partir da relação com mãe, pai ou cuidador);
- ✓ Ensinar a se comunicar de várias formas (imagens);
- ✓ Destacar/reforçar os comportamentos bons da criança;
- ✓ Manter postura firme e calma;
- ✓ Deixar claro que não vai conseguir o que quer gritando ou chorando;
- ✓ Todos devem agir da mesma forma (família, escola.);
- ✓ Usar reforçadores para o comportamento positivo (desenhos figuras, comida, elogio etc.);
- ✓ Avisar qualquer mudança de rotina (atividade, trajeto, viagem/passeio escolar ou visitas na escola);
- ✓ Cuidar dos lugares sensoriais (usar óculos escuro, tampão ouvido);

- ✓ Ter o local da calma (que se sinta protegida/sala sensorial);
- ✓ Usar o hiper foco da criança;
- ✓ Explicar o que sente depois que acalmar (era fome, sono, sair da sala...);
- ✓ Observar como é o comportamento antes da crise para identificar quando estiver mudando e evitar que tenha crise.

## ALUNOS COM TPAC - TRANSTORNO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL

TPAC é um distúrbio que ocorre quando o cérebro tem dificuldade de processar os estímulos sonoros recebidos pelos ouvidos. O aluno com TPAC enfrenta grandes dificuldades na escola e, pela não compreensão correta das informações, podem, além do prejuízo acadêmico, ter prejuízos sociais devido ao seu comportamento que podem ser de irritabilidade ou até mesmo de perda do controle. Assim, é importante que o professor pense em estratégias para equilibrar comportamento e aprendizado. A seguir, algumas sugestões de estratégias e práticas pedagógicas para TPAC:

- ✓ Sentar o aluno na primeira cadeira; usar tampão de silicone para reduzir o barulho e contribuir na concentração;
- ✓ Certificar-se de que está atento às orientações;
- ✓ Falar mais pausadamente, articulando bem as palavras e dando boa entonação. Falar de frente para o aluno e orientar de forma individual antes de atividades e/ou provas;
- ✓ Ao final de uma explicação, certifique-se de que o aluno entendeu a orientação. Para isso, faça perguntas a ele;
- ✓ Fazer anotações e lembretes por escrito;
- ✓ Se perceber que o aluno está irritado ou mudou de comportamento, deixe-o sair da sala para tomar água, ou ir ao banheiro para que você acalme os demais alunos da sala, para em seguida, ela/ele voltar. Não se esqueça de que o barulho pode irritá-lo, pois é muita informação cerebral;

- ✓ O aluno pode ter dificuldade de sequencializar. Use palavras-chave, como: “primeiro”, “por último”, “antes”, “depois”...nas tarefas orais e escritas. Assegurar-se de que o aluno tenha bem organizada a sequência lógica dos acontecimentos: início, meio e fim.

## ALUNOS COM TRANSTORNO DE ANSIEDADE

O transtorno de ansiedade é caracterizado por medo ou ansiedade excessivos que prejudicam significativamente a qualidade de vida do indivíduo. A ansiedade pode ser uma resposta natural a ameaças, ou situações desconhecidas, mas, quando falamos em transtornos de ansiedade, a resposta é desproporcional à situação, causando sofrimento.

Segundo o DSM 5-TR, são vários os subtipos de transtorno de ansiedade. Na escola, os que mais observamos são: transtorno de ansiedade generalizada; ansiedade de separação; mutismo seletivo; transtorno (ou síndrome) de pânico; fobias sociais e específicas; transtorno obsessivo compulsivo (TOC); transtorno de estresse pós-traumático.

Com frequência, as crianças relatam dores de cabeça, na barriga, falta de ar, enjoo, medo e/ou agitação. Assim, é importante o olhar atento do professor criando um ambiente acolhedor e disposto ao entendimento das causas desse aluno para pensar e propor estratégias e práticas pedagógicas, como as que seguem:

- ✓ Criar rotinas claras com horários e atividades previsíveis para reduzir incertezas;
- ✓ Disponibilizar um local tranquilo na sala ou na escola onde o aluno possa ir quando se sentir sobrecarregado;
- ✓ Reforçar atitudes respeitadas entre colegas para evitar situações de bullying ou constrangimento;
- ✓ Estimular uma comunicação sensível, ouvindo ativamente o aluno e permitindo- o que o expresse seus medos e suas preocupações, sem julgamento;

- ✓ Evitar forçar o aluno a falar em público ou participar de atividades que o deixem desconfortável;
- ✓ Utilizar linguagem tranquilizadora que evite tons críticos;
- ✓ Incentivar interações em grupos menores para evitar sobrecarga social;
- ✓ Estimular colegas empáticos para socializar com o aluno ansioso para que possam ajudá-lo a sentir-se incluído;
- ✓ Reconhecer conquistas, por menores que sejam, para reforçar a confiança, bem como, estimulá-lo para que, ele próprio aprenda esse reconhecimento.

## TRANSTORNO DISRUPTIVO, DO CONTROLE DE IMPULSOS E DA CONDUTA

No DSM 5-TR, o capítulo reservado para essa categoria de transtorno, afirma que os transtornos disruptivos, do controle de impulsos e da conduta incluem condições que envolvem problemas de autocontrole de emoções e de comportamentos. Também podem envolver problemas na regulação emocional e/ou comportamental. Os transtornos incluídos neste subitem são únicos no sentido de que os problemas se manifestam em comportamentos que violam os direitos dos outros (como por exemplo., agressão, destruição de propriedade) e/ou colocam o indivíduo em conflito significativo com normas sociais ou figuras de autoridade. As causas subjacentes dos problemas de autocontrole das emoções e do comportamento podem variar amplamente entre os transtornos classificados nessa categoria e expostos a seguir.

### ALUNOS COM TRANSTORNO Opositor Desafiador - TOD

De acordo com DSM 5, O TOD se caracteriza por humor raivoso ou irritável, o desejo dessa pessoa é o constante questionamento de figuras de autoridade e a cumprir regras. Pode ter uma índole vingativa e raivosa e culpar o outro por suas atitudes. Pessoa com TOD pode ter outros transtornos associados, como o TDAH, Transtorno Bipolar ou TEA. Desse modo, as estratégias e práticas pedagógicas com esses alunos, podem ser no sentido de:

- ✓ Perceber as maiores dificuldades do aluno;
- ✓ Identificar o que a incomoda mais. Conhecer o aluno e perfil comportamental;
- ✓ Conhecer a família para ver como o núcleo familiar impõe regras e, assim a escola propor que sigam na parceria das condutas adotadas para o melhor comportamento do aluno;
- ✓ No momento de crise deve-se conter o aluno para que não se machuque e não machuque ninguém;
- ✓ Conversar sobre o que aconteceu e lembrar da importância de seguir regras.

## ALUNOS COM TRANSTORNO EXPLOSIVO INTERMITENTE - TEI

Nesse transtorno, percebemos danos emocionais e físicos momentâneos. Os episódios são recorrentes de raiva intensa com ataques de fúria ou agressividade que não são proporcionais ao evento. Sua impulsividade é demonstrada na reação que ocorre sem reflexão ou planejamento.

Segundo o DSM 5-TR, as explosões de agressividade impulsivas (ou decorrentes de raiva) têm início rápido e, geralmente, pouco ou nenhum período prodromico. Em geral, as explosões duram menos de 30 minutos e costumam ocorrer em resposta a uma provocação mínima por uma pessoa íntima ou próxima. Com frequência, indivíduos com transtorno explosivo intermitente apresentam episódios menos graves de violência verbal e/ou física que não causam danos, destruição ou lesões em meio a episódios mais graves, destrutivos/violentos. Esse manual ainda destaca que, geralmente os episódios duram minutos, mas podem ter um impacto prolongado. Ocorre ausência de ganho secundário, visto que a explosão não visa manipular ou atingir objetivos específicos. Os sentimentos após

os episódios podem ser de arrependimento, vergonha ou culpa. (APA, 2022).

As estratégias e práticas pedagógicas com alunos com TEI podem ser no sentido de:

- ✓ Garantir a segurança e ajudar o aluno a se acalmar;
- ✓ Reforçar comportamentos positivos, elogiando as respostas calmas e os momentos cooperativos;
- ✓ Incentivar a comunicação assertiva e o uso de palavras para expressar sentimentos antes que se transformem em explosões;
- ✓ Oferecer apoio emocional, mostrando que a pessoa não está sozinha no processo de mudança.

## ALUNOS COM TRANSTORNO DE CONDUTA

Pessoas com Transtorno de Conduta têm padrão de comportamentos agressivos e transgressivos. Segundo o DSM 5-TR, esses devem ser repetitivos e persistentes (devem estar presentes por, pelo menos um ano para o diagnóstico). Pessoas com esse transtorno, não se importam se os direitos básicos dos outros são desrespeitados, e as normas, as regras sociais e as leis são violadas. O Comportamento é planejado e violador de normas sociais. Quando identificado esse perfil na escola, todos devem ficar atentos e algumas estratégias e práticas pedagógicas podem ser seguidas, tais como:

- ✓ Estabelecer limites claros: regras consistentes devem ser aplicadas com firmeza e respeito;
- ✓ Reforçar comportamentos positivos: recompense boas escolhas e esforços em resolver conflitos;
- ✓ Evitar punições severas: isso pode agravar comportamentos agressivos ou antissociais;

- ✓ Oferecer suporte emocional: ajude a identificar emoções e a desenvolver estratégias para lidar com elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para que ela seja efetiva no ambiente escolar, é essencial que todas as barreiras (físicas e atitudinais) sejam reconhecidas e superadas, garantindo que cada aluno, independentemente de suas particularidades, tenha acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. Isso implica atender às diferentes dificuldades, respeitar os variados estilos e ritmos de aprendizagem, e aplicar estratégias pedagógicas que possibilitem a participação ativa de todos.

O relacionamento entre professor e aluno é uma peça-chave nesse processo. A confiança, o respeito mútuo e a empatia criam um ambiente seguro e acolhedor, no qual o aluno se sente valorizado e motivado a aprender. Esse vínculo é ainda mais fortalecido quando o professor reconhece o potencial de cada estudante e utiliza abordagens individualizadas para atender às suas necessidades específicas, promovendo não apenas a inclusão, mas também um verdadeiro senso de pertencimento.

Para que a inclusão educacional transcenda o campo do ideal e se torne uma prática efetiva, é imprescindível a aplicação do princípio da equidade. Esse princípio requer a superação da mera igualdade de condições, demandando que cada estudante seja atendido de acordo com suas especificidades, por meio da disponibilização de recursos e suportes ajustados às suas necessidades individuais. A efetivação dessa abordagem depende de uma compreensão aprofundada e prática por parte dos professores, que devem estar capacitados para implementar estratégias pedagógicas inclusivas no cotidiano escolar. Só será viável mediante o estabelecimento de políticas públicas consistentes e eficazes. Essas políticas devem ser internalizadas

pelos gestores escolares, que, ao conhecerem e aplicarem diretrizes como as da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), podem fomentar um ambiente educativo verdadeiramente inclusivo e de qualidade para todos os estudantes.

Uma escola inclusiva é aquela que acolhe, respeita e promove o potencial de todos os seus alunos, independentemente de suas diferenças. Ao unir inclusão e um relacionamento professor-aluno baseado em confiança e respeito, com práticas pedagógicas equitativas, construímos o caminho para um sistema educativo mais humano e transformador.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Texto Revisado DSM-5-TR. Porto Alegre: Artmed, 2022.

AZEVEDO, Tássia Lopes de. **Psicopatologia da aprendizagem**. Rio de Janeiro: Cengage Learning. 2016.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 ago. 2009. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 07 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, 07 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 07 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

APA, American Psychiatric Association. Manual Estatístico Diagnóstico de Transtornos Mentais: DSM 5. 5ª ed. Texto revisado DSM 5 TR. Porto Alegre: artimed, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International classification of diseases for mortality and morbidity statistics** (11th Revision). Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

LETTIERI Alessandra Paschoal. Distúrbios de aprendizagem. **Revista Gestão & Educação**, jul., 2020. Disponível em:

<http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/18/17>. Acesso em 10 de jan. 2025.

LIMA, Eliana Cunha. **Baixa visão**: recursos fundamentais para a inclusão. 2022. Disponível em: [https://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Baixa-Visao-02.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Baixa-Visao-02.pdf?utm_source=chatgpt.com). Acesso em 08 jan. 2025.

SILVA, Maria Cristina da; DUARTH. Monica F. R; PEREIRA, Patricia C. de S. **Práticas pedagógicas inclusivas**: dislexia. Alfenas 2019. Disponível em: <https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/praticaspedagogicas/PDFs/Dislexia.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2025.

SOUZA, Karlaine Ferreira de; LIMA, Claudia de Souza. **As contribuições dos estudos culturais nos estudos surdos**: (des)construção da identidade surda. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade is licensed under CC BY-NC-ND 4.0. 2023. Disponível em: [https://www.redalyc.org/journal/7375/737578616017/?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.redalyc.org/journal/7375/737578616017/?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 08 jan. 2025.